

# Projeto

## O Rio de Janeiro continua Índio & Afro

*Prof Renata Miranda*

<http://cientistadalinguagem.wordpress.com>

### Apresentação:

Enquanto o povo brasileiro não tiver acesso ao conhecimento de sua própria história, a escravidão intelectual e a cultural se manterão no país.

A história e a cultura dos povos indígenas e africanos precisam ser mostradas com enfoque onde o respeito, a valorização humana, o reconhecimento das contribuições fornecidas a este país, seus trabalhos e suas lutas sejam realçados, valorizadas, trabalhadas e principalmente, compreendidas.

Os índios por exemplo, estão presentes na história carioca, a passada e a atual.

O Rio continua índio no seu **patrimônio cultural material e imaterial**, que modelou a identidade carioca, ainda que muitos ignorem tais influências e outros a rejeitem mesmo sem conhecê-las.

O Rio é índio em seu **patrimônio linguístico**, no jeito de falar e de ser. Não é possível sequer se identificar e indicar o endereço sem pagar tributo simbólico às línguas indígenas. Toponímia (nome dos lugares) e Onomástica (nomes próprios).

**Carioca é nome do rio sagrado dos Tupinambá que significa “morada (oca) do acari”**, um peixe que cava buracos na lama e ali mora.

Da mesma origem são nomes de bairros e acidentes geográficos.

#### **Andaraí**

Seu nome provém da expressão indígena “Andirá-y Açú”, que significa “Rio Grande dos Morcegos”, na linguagem dos índios tamoios que habitavam a região. O “Rio dos Morcegos” hoje é denominado Rio Joana, que atravessa o bairro, dividindo as duas pistas da Rua Maxwell. Outra versão diz que vem do Pico do Andaraí, cuja tradução do tupi para o português seria “empinado para cima”.

#### **Inhaúma**

Vem de “i” (água) e “n-hdú” (lodo, lama, barro), ou seja, “água suja”.

Designava a extensa planície entre a Baía de Guanabara, a Serra da Misericórdia, e os morros dos Urubus e Juramento. Originalmente existia na região uma aldeia de índios tamoios.

O Rio continua índio no patrimônio arqueológico da cidade. No patrimônio de pedra e cal, entre outros, encontramos os **Arcos da Lapa**, construído com o sangue e o suor dos índios.



Os pratos que chegam às nossas mesas certamente não seriam os mesmos se não fosse **a participação dos índios na nossa história**. Baseada principalmente na pesca, na caça e em raízes, a culinária indígena é grande influenciadora da cozinha nacional e responde por vários ingredientes onipresentes na dieta dos brasileiros. **Mujica de tambaqui**: Tradicional sopa do peixe feita com ervas aromáticas e servida em uma cuia amazônica. A localização à beira da Lagoa Rodrigo de Freitas, com contato com a natureza, torna a experiência completa.

**Biju de tapioca**: Outra mistura indígena é a de biju com banana e melado. Isso em frente à praia de Ipanema.

O Rio também continua índio na linda natureza. Uma lenda indígena diz que o **Gigante da Pedra da Guanabara** foi um índio que assassinou uma jovem índia. Como castigo, Nhanderú o transformou em pedra e o obrigou a vigiar a Baía. Alguns pescadores afirmam que, às vezes, levanta-se e vai passear. Para tal empreendimento, chama as nuvens e cobre os morros para ninguém notar a sua ausência.

Outras lendas falam que no seu interior está a tumba de um grande soberano indígena, cercado de ricos pertences. O cacique teria sido enterrado junto com seus súditos mais próximos, sacrificados ritualmente.

Os tamoiós chamavam a Pedra da Gávea de “Metaracanga”, que significa “cabeça coroada”. Nas suas cercanias ou no topo, muitas pessoas já sumiram de forma misteriosa. Também luzes estranhas, semelhantes ao fenômeno da “Mãe de fogo”, até hoje são vistas neste local e observados há muito tempo, pelos moradores das casas localizadas nos flancos da montanha. Dizem que todos aqueles que tentam desvendar seus mistérios são vítimas de alguma maldição: a esfinge esconde muito bem os seus segredos.

As diversas questões referentes a enigmas que perturbam a humanidade, são um lembrete de que a verdadeira história ainda está por ser descoberta. Até que novos segredos sejam revelados, a luta para decifrar o passado do Novo Mundo, certamente continuará a ser um campo fértil para confrontos intelectuais.

Nós não sabemos, porém, elas sim.  
As pedras sabem,  
E o recordam.  
A escritura do passado  
Encontra-se em seus lábios selados  
E quem sabe um dia  
tudo nos será revelado.

Os antigos índios tupinambás, que ocupavam a cidade, nomearam os seus principais morros - **Pedra da Gávea, Corcovado, Bico do Papagaio, Pão de Açúcar** - como os guardiões do Rio de Janeiro. O Corcovado era um local sagrado para os índios, onde faziam rituais a Iara. Ali nascia o Rio Carioca, que desembocava na Praia do Flamengo.

Faz-se interessante transmitir uma visão mais otimista aos jovens em relação ao futuro do planeta e incluir esse segmento da sociedade, a partir da temática da água.

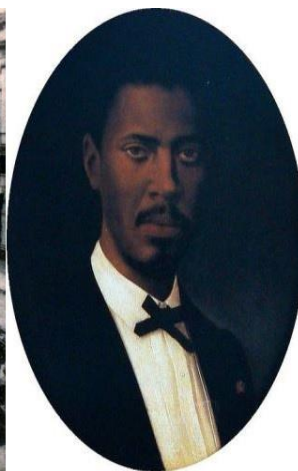
Durante parte desses 450 anos, o Rio de Janeiro foi o maior porto escravista do mundo e a cidade com a maior população escrava urbana. **(Segundo alguns autores, a maior cidade negra no mundo no século XIX).**

Não podemos sepultar no esquecimento a greve de escravos do estaleiro Mauá, segundo algumas fontes **a primeira greve da história do Brasil**. Muito menos sepultar as lutas e colocar a presença negra na cidade separada de todas as lutas dos escravos no Rio. Ou ainda, lutas operárias como o controle da produção pelos trabalhadores gráficos que, **defendiam a abolição da escravidão e proibiam qualquer associado de seu sindicato de imprimir, mesmo sob ordens dos patrões, qualquer material contra a abolição**. E da mesma maneira que **os trabalhadores do Arsenal da Marinha coletavam dinheiro para comprar alforrias e libertar os negros** ou o sindicato dos panificadores que **forjava alforrias e organizava fugas de escravos**.

A zona portuária, agora batizada de Porto Maravilha, definida pelos seus organizadores como "A nova porta de entrada do Rio" **já foi à porta de entrada de milhares de escravos na cidade**. O Cais do Valongo foi o ponto de entrada de mais de 700 mil escravos até 1830.

O porto também foi o túmulo de muitos deles que morriam ao chegar ao Brasil, produto das condições miseráveis em que viajavam. Isto é parte da história da cidade e recentemente na frente do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos na Gamboa, foram achados novos ossos de escravos num momento em que o próprio instituto enfrenta uma crise e anunciava o fechamento das suas portas por falta de apoio do Estado que leva a frente um projeto de RIO que não tem espaço para a história dos negros, só exploração, violência e opressão da mão da Polícia Militar que nasceu para caçar escravos e desde então vem controlando e assassinando a população pobre e negra das favelas do Rio de Janeiro.

Da mesma forma que o prefeito Pereira Passos que liderou o projeto "parisiense" do Rio havia enterrado sob asfalto o Cais do Valongo, agora sem enterrar nada, um novo Rio, novamente com os negros deixados de lado vai sendo erguido, mesmo que uma plaquinha seja dedicada aos negros.



Nas últimas décadas, em particular, após o início das obras do Porto Maravilha, estudos e escavações arqueológicas trouxeram à tona **a importância histórica e cultural da Região Portuária do Rio de Janeiro para a compreensão do processo da Diáspora Africana e da formação da sociedade brasileira**.

Achados arqueológicos motivaram a criação, pelo **Decreto Municipal 34.803 de 29 de novembro de 2011, do Grupo de Trabalho Curatorial do Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana**, para construir coletivamente diretrizes para implementação de políticas de valorização da memória e proteção

A detailed map of the Jardim do Valongo neighborhood in Rio de Janeiro, Brazil. The map shows a grid of streets and green spaces. Six red circular markers with white numbers are placed at specific locations. A legend box in the top right corner provides details for each marker:

- 1 CAIS DO VALONGO e CAIS DA IMPERATRIZ  
*Prça Jernai do Comércio*
- 2 PEDRA DO SAL  
*Fim da R. Argemiro Bulcão, Largo João da Baiana*
- 3 JARDIM SUSPENSO DO VALONGO  
*Ladeira do Valongo, R. Camerino*
- 4 LARGO DO DEPÓSITO  
*Poa dos Estivadores (R. Camerino x R. Barão de São Félix)*
- 5 CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS  
*R. Pedro Ernesto, 32/34*
- 6 CENTRO CULTURAL JOSÉ BONIFÁCIO  
*R. Pedro Ernesto, 80*

The map also labels various streets such as R. Conselheiro Zacarias, R. Antonio Lage, R. Souza e Silva, Av. Venezuela, R. Sacadura Cabral, R. do Propósito, R. do Livramento, R. do Barroso, R. do Faria, R. Bento Ribeiro, R. Senador Pompeu, R. Alexandr. Mackenzie, R. da Conceição, Av. Marechal Floriano, Av. Presidente Vargas, R. Dom, R. Rio Branco, and Morro da Saúde.

O Largo do Depósito era área de venda de escravos. O Jardim do Valongo simboliza a história oficial que buscou apagar traços do tráfico negreiro. Ao seu redor, havia casas de engorda e um vasto comércio de itens relacionados à escravidão. A Pedra do Sal era ponto de resistência, celebração e encontro. E, finalmente, a antiga escola da Freguesia de Santa Rita, o Centro Cultural José Bonifácio, grande centro de referência da cultura negra, remete à **educação** e à **cultura** como **instrumentos de libertação em nossos dias**.

## **Justificativa:**

O presente Projeto atende os dispositivos da **Lei 10.639/2003** e da **Lei 11.645/2008**, que determinou a **obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino fundamental e médio nas escolas**. Visto que a instituição escolar é um espaço de formação de cidadãos, tal medida é de suma importância para valorizar e respeitar a diversidade étnica e cultural da história dos povos africanos, indígenas.

Com isto, podemos transformar o aluno, através do conhecimento dos significados das diversas culturas destacando seu valor, sabendo julgar a qualidade artística e estética das produções, estudando-as e expandindo seus estudos na vertente da interculturalidade, incluindo os conteúdos da arte produzida em diferentes tempos e lugares, consciente de seus direitos de aluno ao conhecimento e a participação social investigativa e transformadora.

## **Diagnóstico:**

A escola deve estar atenta para seu papel sociocultural abordando a vivência entre alunos e professores com permanente debate acerca de temas de interesse comum a todos e que os mesmos entendam a sociedade em que estão inseridos como um processo contínuo de reconstrução humana ao longo das gerações, respeitando e valorizando a historicidade das individualidades, para que cada um construa a si próprio como agente social, alcançando o bem da coletividade.

Buscando uma educação antirracista, com a formação continuada dos professores tendo este conhecimento claro das Leis no 10.639/03 e 11.645/08 de maneira a inserir nos conteúdos das disciplinas temas pertinentes a etnia afro-brasileira e indígena que supere as práticas preconceituosas acompanhadas de racismo e de discriminação no espaço escolar.

## **Objetivo Geral:**

A ideia central é reconhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como desenvolver conteúdos relacionados às culturas indígenas e afro-brasileiras

## **Objetivos Específicos:**

- Propiciar reflexões que favoreçam a formação integral do indivíduo reflexivo, ativo e responsável tendo em vista a construção de um mundo mais humanizado.<sup>[1]</sup><sub>SEP</sub>
- Identificar e analisar de forma crítica os elementos geradores das diferenças, objetivando o combate ao preconceito, ao racismo e a exclusão que os indígenas sofreram ao longo da história do Brasil, do Rio de Janeiro.
- Garantir um ambiente escolar compatível com uma sociedade democrática, multicultural e pluriétnica.

## Trabalho Interdisciplinar:

### II. Geografia:

A geografia como ciência cujo objetivo é o espaço geográfico e suas inter-relações, cabe ao professor desta disciplina tratar também dos seguintes contextos:

- Estudos de legenda, orientação, escala; no globo e nos mapas, sobretudo no qual se refere ao continente africano;[L]  
[SEP]
- Estudos da distribuição do ser humano na terra, no Brasil e no mundo;
- Como foi a chegada dos portugueses ao Brasil;
- Como os negros foram trazidos para cá (os portos de chegada);
- Qual o caminho marítimo percorrido pelos negros na trajetória que fizeram da África ao Brasil;[L]  
[SEP])
- Como estão organizados hoje os Quilombos no Brasil, **mapeando das principais aglomerações indígenas e negras no Brasil. Os quilombos, as tribos e comunidades negras, os remanescentes quilombolas, suas reservas, as reservas indígenas e afro-indígenas.**
- A **toponímia indígena** (nomes dos lugares)

### III/IV.

### História/ Filosofia:

Nas disciplinas de História e Filosofia, pode-se destacar a valorização da cultura afro-brasileira e indígena, suas contribuições ao Rio de Janeiro.

#### **História da região Portuária e sua herança Africana**

#### **História dos índios na cidade do Rio de Janeiro, bem como suas contribuições**

- a) Ressaltando as visões equivocadas atribuídas a personagens da história africana e indígena;[L]  
[SEP]
- b) Relacionar a importância dos personagens ontem e hoje no contexto histórico. Divulgando as ideias dos personagens que viveram em determinada época (pensamentos filosóficos).
- c) Pesquisa historiográfica de acontecimentos que marcaram a cultura dos povos africanos e indígenas.
- d) As crenças, as imaginações, a religião e o pensamento, o conhecimento empírico e

as ciências, a ética, a razão, a ignorância e a verdade e a liberdade, reconstruindo padrões de beleza na estética, a cultura e as artes deste povo.

**Ex:** <https://www.youtube.com/watch?v=BbMM9PDnx6A>

<https://www.youtube.com/watch?v=OmTBRcrurBk>

## **V. Biologia:**

- Contribuição dos povos da África e seus descendentes para os avanços da Ciência e da Tecnologia e do indígena no uso das **ervas medicinais**;
- Análise de **doenças mais comuns** entre os afrodescendentes e os indígenas e o índice de desenvolvimento humano entre esses grupos étnicos.

## **VI. Matemática:**

- Fazer uma pesquisa de amostragem, sobre a quantidade de pessoas que se declaram negra no lugar onde moram, fazendo em seguida um gráfico.
- A utilização da escala para entender mapas de territórios indígenas.